

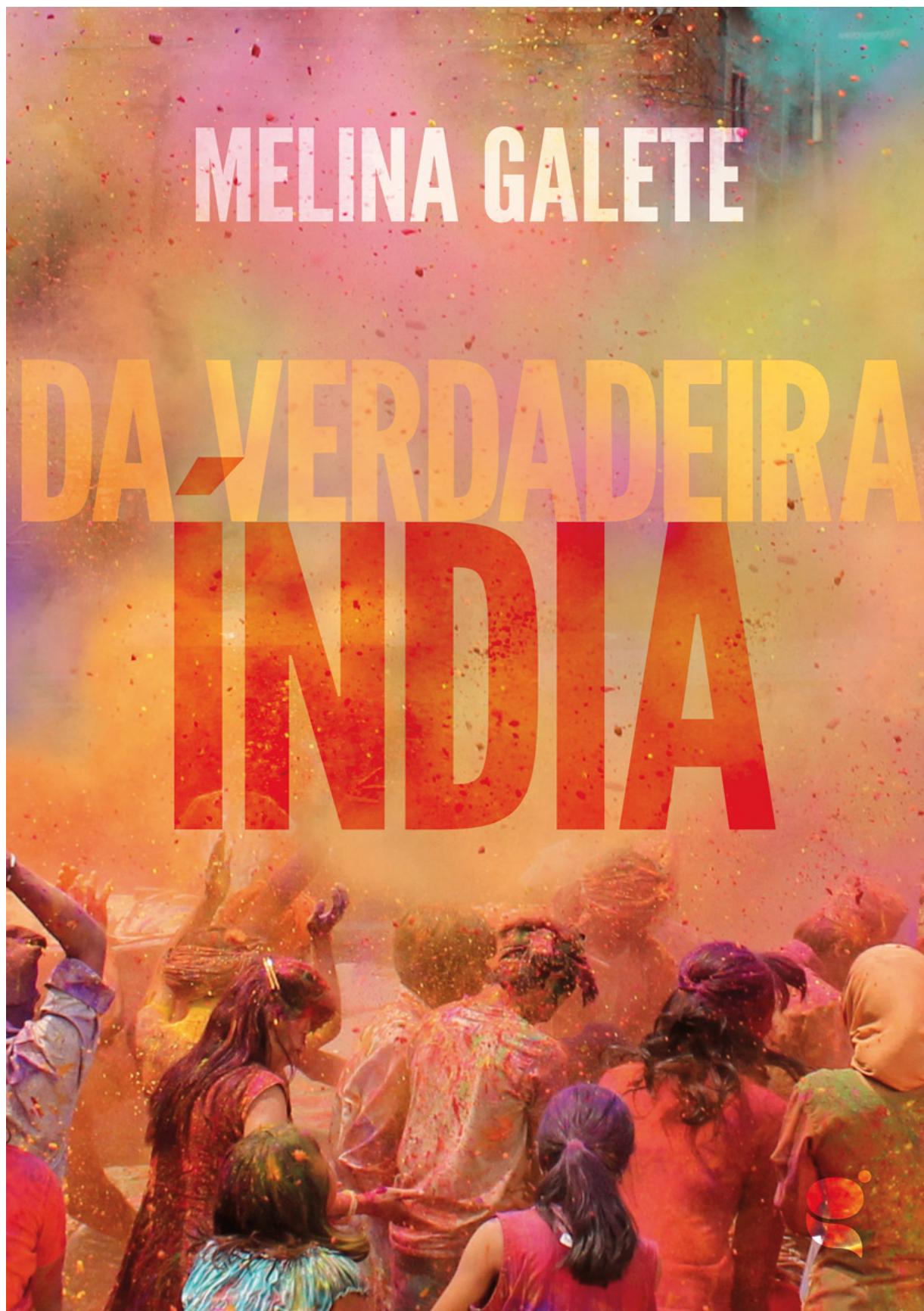
MELINA GALETE

DA VERDADEIRA INDIA



MELINA GALETE

DA VERDADEIRA INDIA



© Editora Gato-Bravo, 2020

Não é permitida a reprodução total ou parcial deste livro nem o seu registo em sistema informático, transmissão mediante qualquer forma, meio ou suporte, sem autorização prévia e por escrito dos proprietários do registo do *copyright*.

editor Marcel Lopes

coordenação editorial Paula Cajaty

revisão Inês Carreira

projecto gráfico 54 Design

imagem da capa Kristin. People celebrating Holi festival of colors, India. AdobeStock

Título

Da verdadeira Índia

Autora

Melina Galete

Impressão

Europress Indústria Gráfica

ISBN 978-989-8938-75-6

e-ISBN 978-989-8938-76-3

1ª edição: Julho, 2020

Depósito Legal: 472001/20

GATO•BRAVO

rua Veloso Salgado, 15 A

1600-216 Lisboa, Portugal

tel. [+351] 308 803 682

editoragatobravo@gmail.com

editoragatobravo.pt

*Já a manhã clara dava nos outeiros
Por onde o Ganges murmurando soa,
Quando da celsa gávea os marinheiros
Enxergaram terra alta pela proa.
Já fora de tormenta, e dos primeiros
Mares, o temor vão do peito voa.
Disse alegre o piloto Melindano:
“Terra é de Calecu, se não me engano.*

*Esta é por certo a terra que buscais
Da verdadeira Índia, que aparece;
E se do mundo mais não desejais,
Vosso trabalho longo aqui fenece.”
Sofrer aqui não pode o Gama mais,
De ledor em ver que a terra se conhece:
Os geolhos no chão, as mãos ao céu,
A mercê grande a Deus agradece.*

Luís de Camões, Os Lusíadas,
Canto VI, estâncias 92 e 93

SUMÁRIO



Introdução
Céu - Algures entre Porto e Amsterdão
Primeiras impressões
O casamento
Primeiro dia: Henna e música
Segundo dia: o banho da noiva
Terceiro dia: o casamento
Quarto dia: a receção inglesa
Quinto dia: rituais e bênçãos
O último dia do fim da minha outra vida
Famosos
(uma festa para nós)
O lixo na mala
Uma noção diferente de higiene e limpeza
O perigo da água
(Falta de) segurança
No meio do caminho tinha uma vaca
O comboio que não parava na estação
Empregados ou escravos?
Animais: bênção ou estorvo?
Templo (ou o homem que não controlava o mundo)
O meu marido
O medo por ser mulher
A conversa com a cunhada
Duas formas de aceitar
Minha filha é diferente e na Índia isso é normal
Não voltei

*Para a Maria Clara,
por me acompanhar nas viagens da vida.*

*À minha mãe, ao meu pai e à
Lívia, primeiros leitores sempre,
e à Lavínia, futura leitora.*

*À Flávia,
por saber antecipadamente o que vai
acontecer na minha vida e me encorajar.*

*Ao Luis Maffei,
José Eduardo Agualusa e Afonso Cruz,
que, mesmo sem saber, são um pouco responsáveis por este
primeiro livro.*

À Sangeetha.

INTRODUÇÃO



Não é muito comum a presença de estrangeiros em casamentos tradicionais na Índia. Ainda mais incomum é a presença de não indianos nos dias que antecedem a cerimónia, que consistem na preparação dos noivos, separadamente.

Quando fui convidada para participar de um dos rituais mais importantes do hinduísmo, eu não julgava que presenciaria algo que poucos ocidentais puderam presenciar: a cerimónia do Mehendi, a festa da música, o banho de especiarias, o casamento, a receção pela família do noivo e, o que foi mais surpreendente, o ritual - Puja -, celebrado no dia a seguir à receção, em que fui a única pessoa de fora da família com permissão para participar, assistir aos sacrifícios animais, oferecer especiarias e frutas aos deuses e alimentar-me com as mesmas especiarias e frutas, após a oferenda.

Já no primeiro dia de celebrações pude constatar o ineditismo da presença de estrangeiros naquela fase do casamento. Estávamos há poucos minutos no quintal onde ocorria a cerimónia do Mehendi - que consiste na pintura das mãos com henna, quando chegaram repórteres de jornais impressos e da televisão. Nos dias a seguir ocorreu o mesmo. Aparecemos em todos os noticiários da TV Telugu e em diversos jornais, éramos parados nas ruas para que tirassem fotos conosco e recebemos mais olhares do que os noivos durante a principal cerimónia do casamento.

Fui para a Índia com algumas expectativas - nem todas agradáveis. Eu só não esperava que encontraria todas as situações durante a mesma viagem. É conhecido o confuso trânsito local, a dificuldade em atravessar as ruas, a poluição do ar, a imundície dos rios, a pobreza extrema, a

escravatura moderna e o machismo exagerado. A pobreza, é certo, existe em todo lado. O machismo eu também encontro em qualquer esquina no Brasil e em Portugal. Já a escravatura eu não esperava encontrar. Mas encontrei.

Por estar em um lugar pouco frequentado por turistas e hospedada em casas de parentes da noiva, pude vivenciar na quase totalidade o dia a dia de uma família do sul da Índia. Prescindi de guias turísticos, hotéis, tradutores, alimentação de emergência e até de seguro de viagem completo. Por esse motivo, esses relatos carregam em si um ineditismo surpreendente sobre aquela cultura, tão divulgada – por vezes de maneira errônea – e tão difícil de compreender.

CÉU - ALGURES ENTRE PORTO E AMSTERDÃO



Esta viagem começou em setembro de 2013. Há seis anos e dois meses, época em que eu havia chegado há pouco tempo em Portugal, eu estava no meu quarto, à tarde, na Rua Mário Sacramento, residência universitária da Universidade de Aveiro. Eu estava, portanto, no meu quarto, quando chegou uma moradora nova. Existiam três quartos na casa. Um ocupado por mim, outro pela Aralyia, uma iraniana, e o outro estava vazio até então.

Mas naquela tarde a nova moradora chegou, dirigiu-se até à porta do meu quarto e apresentou-se. Após a apresentação, eu pensei que ela era inglesa e só mais tarde percebi que era da Índia. Naquela época meu inglês estava muito aquém do necessário para manter uma conversa básica.

Ao longo dos dias, aproximamo-nos cada vez mais. Sridevi¹ falava que estava a guardar dinheiro para pagar o dote do seu casamento, no dia em que o irmão escolhesse um marido para ela. Eu considerava um absurdo. Como, em pleno século XXI, alguém aceitaria casar com um desconhecido, escolhido pela família, e ainda pagar por isso?

O ano passou, ela foi para Bolonha, com retorno marcado para três meses depois. Nesse tempo, eu me desentendi com a iraniana e mudei de casa. E de novo. E mais uma vez. Sridevi voltou. Não morávamos mais na mesma casa, mas continuamos com a amizade.

Após um tempo, eu saí daquela cidade. Minha filha foi viver comigo em Portugal e mudamos para um lugar mais isolado. Dois anos depois, já no final de 2017, Sridevi anunciou que voltaria para a Índia. Fui a Aveiro para a

despedida, que foi na mesma casa em que eu estava naquela tarde de setembro, quando ela chegou.

No ano seguinte, ela enviou mensagem para avisar que estava a viver na Austrália, cursando o pós-doutoramento. E disse também para eu começar a guardar dinheiro para a viagem, pois sua família estava à procura de um noivo. Ela iria casar.

Eu não discutia mais com ela sobre esse assunto. Antes eu tentava convencê-la a fugir, a casar em Portugal com alguém que ela gostasse e mentir para a família, ou a falar a verdade, mesmo que ela fosse proibida de ter contacto com eles para sempre. Eu ofereci minha casa como esconderijo, ofereci minha mãe como mãe adotiva para o resto da vida (e minha mãe disse que se fosse necessário alinharia no plano). Cuspei a perceber que existia uma barreira cultural muito forte. Um dia (em que Sridevi já estava farta da minha conversa de que deve-se casar por amor) ela perguntou:

— Você casou por amor?

— É claro! - Afirmei com vontade.

— E onde está seu marido? - Ela completou com um sorriso irónico.

A partir dessa conversa, continuei sem entender a escolha, mas passei a aceitar e respeitar. É que eu pensava que ela não queria casar e que tinha ido para a Austrália para tentar evitar o casamento. Eu pensava que quanto mais ela estudasse, quanto mais acumulasse títulos, mais difícil seria arrumar um marido, pois provavelmente os homens recusariam uma noiva que tivesse uma formação mais elevada que a deles. Eu julgava, ainda, que ela não queria casar.

Até que em maio deste ano recebi uma mensagem. Era uma foto, apenas isso. Na foto, ela aparecia ao lado de um homem - Arjun. Estava escolhido. A foto era uma montagem. Eles ainda não se conheciam. Mas já sabiam que iriam casar e que seria ainda em 2019. Ela convidou-